

SOBRE O EROTISMO NA LITERATURA

Alberto Moravia, Elsa Morante, Italo Calvino

Apresentação, seleção e tradução de Davi Pessoa

A revista “Nuovi Argomenti” foi fundada em Roma, em 1953, por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Esta publicação realizava frequentemente uma pesquisa, e colocava um problema a ser confrontado por escritores e críticos literários (cada problema era colocado através de perguntas, que podiam variar de 7 a 10 questões). O primeiro número, março-abril de 1953, editou uma pesquisa sobre a arte e o comunismo, sendo as perguntas de tal pesquisa respondidas por Moravia, Lukács, Solmi, Chiaromonte. Entres as pesquisas realizadas, podemos destacar as “9 perguntas sobre o stalinismo”, as “8 perguntas sobre a crítica literária na Itália”, as “7 perguntas sobre poesia”, as “10 perguntas sobre neo-capitalismo e literatura”. A revista também editava números monográficos, intitulados “Appunti”, que abordavam temas relacionados às políticas internacionais. Em 1965, Pier Paolo Pasolini foi convidado a participar como diretor da revista. Após a morte de Pasolini e Carocci, Attilio Bertolucci e Enzo Siciliano foram os novos diretos da “Nuovi Argomenti”. Em 2006, morreu Enzo Siciliano, até então diretor responsável. Atualmente, Dacia Maraini é a diretora responsável, tendo ao seu lado os diretores Arnaldo Colasanti, Raffaele La Capria, Furio Colombo, Raffaele Manica e Giorgio van Straten. Para saber mais e acompanhar as novidades da revista, acessar: <http://www.nuoviargomenti.net/>

Nos números 51-52, de julho-outubro de 1961, lemos 8 perguntas sobre o tema escolhida para aquela edição: o erotismo na literatura. Além da participação de Alberto Moravia, Elsa Morante e Italo Calvino (selecionados para este caderno), as perguntas também foram respondidas por Nicola Abbagnano, Norberto Bobbio, Cesare Cases, Franco Fortini, Arturo Carlo Jemolo, Enzo Paci, Guido Piovene, Renzo Rosso e Sergio Solmi. Seus textos não necessariamente seguem a lógica das perguntas, como é o caso dos três textos aqui traduzidos, mas são construídos a partir da reflexão de cada um desses intelectuais sobre o tema proposto pela revista.

As 8 perguntas sobre o erotismo na literatura foram as seguintes:

1) *O erotismo na literatura europeia tem muitos precedentes. Há o erotismo dos clássicos, das obras gregas e romanas, há o erotismo medieval, há o erotismo do renascimento e há, por fim, o erotismo burguês que nasceu no século XVIII e que ainda está vivo. Diríamos que a linha de separação entre o erotismo clássico e o seu posterior é a noção judaico-cristã do pecado. Vocês acreditam que o erotismo contemporâneo se assemelha mais àquele clássico ou àquele de derivação cristã?*

2) *O mundo, nos últimos cinquenta anos, está sempre mais em processo de descristianização. Uma grande revolução foi realizada pelo nudismo. É evidente que não se pode mais voltar atrás, ou seja, ver uma mulher vestida dos pés à cabeça, e considerar o nu um pecado. De modo análogo, Freud e a psicanálise revelaram zonas da psicologia que no passado estavam cobertas pela censura cristã. Vocês não acham que aquilo que hoje se chama erotismo não é, no fundo, amiúde, uma realidade nova, recuperada pela cultura e destinada um dia a se tornar inócua e normal, assim como o nu feminino?*

3) *Fala-se com frequência de neopaganismo a respeito de certas representações “inocentes”, ou que assim gostariam de ser, da literatura moderna. Segundo vocês, no que consiste a diferença entre esse neopaganismo e o verdadeiro paganismo, tal como era representado no mundo antigo, e como ainda sobrevive em países como a Índia e o Japão?*

4) *A noção de pecado está muito ligada às três religiões de conduta, ou ética, de origem semita: o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. A concepção moderna do fato sexual tem, ao contrário, origens científicas, naturalistas. As três religiões citadas tendem a excluir o sexo da cultura, e a ciência moderna tende a incluí-lo. Vocês acreditam que possa existir um acordo entre essas duas concepções ou acreditam que a segunda está destinada a tomar o lugar da primeira?*

5) *Todas as vezes que se dá o escândalo de um livro ou de um filme em que se encontram representações eróticas, os defensores expõem a argumentação de Benedetto Croce acerca do resultado estético, já os acusadores procuram demonstrar que esse resultado não existe. Este ponto de vista é até mesmo acolhido pela lei com um artigo do nosso código. Vocês não acham que erramos nos dois casos? E que a representação erótica não deveria ser julgada diferentemente de qualquer outra representação, ou seja, segundo um critério de necessidade e de verdade?*

6) *Na América a relação Kinsey revelou um desnível profundo entre as várias leis dos Estados Unidos e a realidade da vida americana. Vocês acreditam que seja uma coisa boa a manifestação desse desnível entre a arte e a realidade da vida? Em outros termos, a arte tem que representar o mundo como é, ou, ao contrário, como deveria ser?*

7) *A religião cristã atribui, hoje, assim como há vinte séculos, a máxima importância aos tabus sexuais. Mas aquilo que era útil e, talvez, necessário há vinte séculos, num mundo espontâneo, pagão e carnal, talvez seja supérfluo e inútil, aliás, danoso, nos nossos dias, sendo esse mundo moderno rígido e intelectual. Em outras palavras, ele já está em processo de descristianização, de fato, porque é cristão. E os tabus que serviram para torná-lo cristão, quando ainda era pagão, revelam-se inúteis atualmente, já que as paixões pagãs deixaram de existir. Desse modo, vocês não acreditam que o erotismo moderno na literatura, tal como na vida, seja um sinal de liberdade e de bom-senso mais do que de sujeição e de desregramento?*

8) *O erotismo na literatura contemporânea a partir de Lawrence procura mostrar o sexo como uma coisa saudável, necessária, natural e religiosa. Para a literatura moderna o sexo é uma realidade objetiva e suprimível: um meio de conhecimento. Vocês acreditam que seja necessário continuar seguindo esse percurso até o fim, ou acreditam que seja necessário voltar aos tabus cristãos, ou, pior ainda, voltar aos tabus vitorianos do decoro e da boa educação pequeno-burguesa?*

SOBRE O EROTISMO NA LITERATURA

Alberto Moravia*

O erotismo na literatura moderna não se assemelha nem ao erotismo da literatura pagã, nem ao erotismo das literaturas posteriores; mais do que nunca, tanto em relação ao primeiro quanto ao segundo erotismo, mas ainda conservando esta diferença, o erotismo da literatura pagã mantém toda a inocência, a brutalidade e a densidade de uma natureza que o sentido cristão do pecado ainda não percebeu e direcionou contra si mesmo; enquanto que o erotismo da literatura moderna não pode não se dar conta da experiência cristã.

Em outras palavras, o erotismo da literatura moderna nasce não de um fato natural, mas, sim, de um processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes. A liberdade dos pagãos era um fato inconsciente, ingênuo; a liberdade dos modernos é, ao contrário, recuperada, reencontrada e reconquistada. Em compensação o erotismo da literatura moderna tem ou deveria ter um caráter especial no que diz respeito aos argumentos que não causam escândalo nem sobressalto, os quais são, em suma, normais;

* Alberto Moravia, "Sull'erotismo in letteratura", in: *Nuovi Argomenti* (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p.50-52. Em 1969, Alberto Moravia escreveu o prefácio à tradução italiana (realizada por Dario Bellezza) de *Histoire de l'oeil* de Georges Bataille, na qual, logo no início, o escritor italiano diz: "O erotismo parece ser uma forma de conhecimento que no exato momento em que descobre a realidade, a destrói. Em outros termos, apenas se pode conhecer o real por meio do erotismo, mas sob o preço da destruição completa e irreparável do próprio real. Neste sentido, a experiência erótica se aparenta àquela mística: ambas são sem retorno, as pontes estão queimadas, o mundo real está perdido para sempre".

compreendendo, então, com o termo “erotismo” a transformação do sexo em algo cientificamente conhecido e poeticamente válido, e, por isso, insignificante do ponto de vista ético.

Disso deriva, ou deveria derivar, que, pela primeira vez depois das literaturas pagãs, o sexo torna-se matéria de poesia sem que haja necessidade de recorrer às escoras dos símbolos e aos disfarces da metáfora. Pela primeira vez, depois de muitos séculos, podemos hoje representar o sexo de modo direto, explícito, realístico e poético, em uma obra literária, sempre que a própria obra acredite ser necessário. Neste momento, alguém irá perguntar: mas é realmente necessário falar de sexo? E quando é necessário? Podemos responder que nem sempre é imprescindível falar dele, assim como não é necessário falar sempre de questões sociais ou de aventuras africanas; mas quando se torna inevitável, visto que hoje não sobrevivem mais os tabus e as proibições que o impediam, silenciar-se não é mais, como há algum tempo, uma questão moral, porém uma insuficiência expressiva. Para dar um exemplo: o escritor que atualmente não fala de sexo, quando a argumentação de seu livro o impõe, se comporta como um cidadão que se abstém de falar de política em tempos de democracia, após a queda definitiva da ditadura que havia até então proibido sua manifestação. Naturalmente, repetimos, não é de forma alguma necessário falar de sexo; porém precisamos falar dele quando, nos perdoe o trocadilho, é necessário.

O nosso censor, então, irá perguntar por que é tão necessário falar de sexo na literatura moderna. Podemos lhe responder de modo muito simples que o sexo, no mundo moderno, é sinônimo do amor; e quem poderia negar que o amor não é um tema muito frequente nas literaturas de todos os tempos e de todos os lugares?

Mas por que, alguém ainda dirá, o amor na literatura moderna se transformou em sexo, ou seja, por que perdeu o caráter indireto, metafórico, idealizado que tinha no passado, terminando por identificar-se com o ato sexual? As razões de tal identificação são muitas; a principal, como já indicamos, é a queda dos tabus e das proibições que muito frequentemente determinavam, de modo artificial, falsas idealizações do ato erótico.

Tais tabus e proibições eram apenas aparentemente de origem cristã; na realidade, o cristianismo limitou-se por aconselhar a castidade. Tabus e proibições, ao contrário, eram provavelmente o resultado de uma regressão lenta de tipo social; regressão não muito diferente daquela que, por exemplo, se nota nas relações de classe de certas sociedades ocidentais.

De qualquer forma, a queda desses tabus e dessas proibições foi, sobretudo, provocada pelas assim chamadas psicologias do inconsciente, isto é, pela psicanálise e pelas ciências psicológicas afins. As descobertas da psicanálise tiveram um resultado duplo muito importante: por um lado, romperam com os tabus; por outro, retiraram o sexo da ignomínia em que, por causa dos tabus, estava enclausurado, recolocando-o entre os poucos modos de expressão e de comunhão de que dispõe o homem.

O ato sexual na literatura moderna é ou deveria ser, portanto, não mais a tentação diabólica dos ascetas medievais, nem a delícia quase gastronômica das burguesias do século XIX, mas, sim, sua revelação no momento em que se consegue separá-lo do horror moralista e do hedonismo vulgar: uma ação de inserção em uma ordem cósmica e sobre-humana. Entendido a partir desse ponto de vista, o sexo é efetivamente algo mais elevado, mais misterioso e mais completo do que o amor; especialmente interpreta-se o amor como a simples relação físico-sentimental entre homem e mulher.

SOBRE O EROTISMO NA LITERATURA

Elsa Morante*

Li recentemente um romance incompleto, inédito e ainda (mas por pouco, espero eu) desconhecido por todos¹. Na nossa imaturidade perpétua, que procura às cegas suas passagens através da clareza, certas leituras equivalem, para nós, a experiências reais e providenciais: expulsando do nosso convívio, com a sua intervenção iluminada, os monstros infantis da nossa superstição comum. A razão máxima da arte consiste, a meu ver, nessa função liberatória.

O autor do manuscrito é Umberto Saba, poeta que, pela graça de seu sacrifício, pode ser comparado a um santo. Dedicou-se a esse trabalho durante sua velhice, já próximo de morrer, quando seu sacrifício se tornou para ele uma tragédia, mas para os outros, uma pureza absoluta. Desse modo, já se pode definir o valor de tais páginas; porém, é fácil pressentir os comentários miseráveis que as acolherão: recebendo, obviamente, de oposições desqualificadas, uma confirmação de sua qualidade.

Naquelas páginas são narradas as primeiras experiências eróticas (amorosas) de um jovem, que começam, por aventura, com uma daquelas relações que – embora reais, humanas e comuns na natureza – a superstição considera, conforme sua espécie, um tabu. Porém, o jovem de Saba, pela sua

* Elsa Morante, “Sull’erotismo in letteratura”, in: *Nuovi Argomenti* (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p.46-49. Também publicado no livro póstumo *Pro o contro la bomba atomica*. Organização de Cesare Garboli. Milano: Adelphi, 1987, p.89-93.

¹ A escritora refere-se ao romance incompleto Ernesto de Umberto Saba, escrito por volta de 1953 e publicado postumamente pela editora Einaudi, em 1975. A narrativa percorre o período das descobertas sexuais do jovem Ernesto. Em 1979, a narrativa foi adaptada ao cinema por Salvatore Samperi, mantendo o mesmo título: *Ernesto*.

graça, está imune a certos tabus, responsáveis por transformar as realidades naturais em monstros absurdos e criminosos. E enquanto que para outros, contaminados por tabus, tal experiência poderia transformar-se numa resolução irreal (podendo torná-los escravos perpétuos de uma ficção), para o jovem de Saba ela permanece aquilo que é: um simples encontro humano, que em si mesmo é inocente (já que ele não foi corrompido por esse encontro), não sendo, de forma alguma, maléfico. Levado pela sua sensualidade inocente e pela sua curiosidade espontânea da vida, esse jovem ideal, como passou pela sua primeira experiência ocasional, então conhecerá em seguida, naturalmente, o amor das mulheres, tendo ao seu lado uma mulher apaixonada, e assim por diante... Ora, para narrar esse acontecimento, o querido e amado Saba não recorre em nada às reticências, que eu (e que eu vá para o inferno) fui forçada, no entanto, a utilizar para resumir o fato citado logo acima. Ele, na sua narrativa, não deixa escapar nenhum particular por mais difícil e secreto, e, mesmo que lhe pareça necessário, não castiga uma única palavra. Caso essas mesmas coisas fossem ditas por outros se tornariam obscenas, ridículas ou sórdidas, mas, ao contrário, ditas pelo nosso poeta, revelam sua clareza real, natural, sem ofensa alguma. Deixando em evidência, no final da leitura, a emoção dos afetos, restituída à pureza consciente da consciência madura.

As explicações desse fenômeno podem ser reduzidas a uma única coisa: Saba tem um respeito fundamental pela vida e pelo ser humano: sem o qual, na arte, como também na história, não há realismo, nem liberdade: mas servidão e retórica.

O erotismo é uma afirmação espontânea da vida e um elemento vital da essência humana; e não deve ser tratado como argumentação desprezível, quando se respeita o ser humano em sua integridade. O vício de certas sociedades e de certas religiões está na partição do ser humano ao meio, declarando-o, em uma metade, nobre, e na outra, desprezível; e foi necessário esperar a véspera da era atômica para que a ciência proclamasse essa realidade, ou seja, que a frustração do erotismo, ela também, assim como o sono da razão, produzisse alguns monstros.

Porém, ainda hoje se sabe que em nenhum campo a intervenção da ciência não vale para exterminar os monstros das culturas pequeno-burguesas; ao contrário, adapta-se, mistura-se a eles em uniões sinistras e degradantes (cujos produtos supremos são, por um lado, as organizações de extermínio, e, por outro, os passatempos televisivos). Multiplicados e difundidos ao infinito com os meios da ciência e da indústria, os monstros das frustrações furiosas pequeno-burguesas continuam infestando o mundo. A última inimiga deles é a arte: que, pela sua própria definição, não pode estar associada à falsificação.

As classes dirigentes contemporâneas, penosa expressão da cultura pequeno-burguesa, batem, de fato, o recorde da extinção humana: conciliando, ao mesmo tempo, a frustração do erotismo e o sono da razão. E compreende-se que essas classes almejam censurar a arte em defesa dos seus monstros (em uma sociedade livre dos tabus supersticiosos e dos monstros, a censura não teria motivo algum para existir). Na sua ausência fundamental de respeito pelo ser humano, tais classes não percebem que a censura, em si mesma, é mais obscena do que qualquer pornografia: corrompendo e degradando o homem, negando-lhe a sua máxima honra que é a liberdade de escolha.

Pretender afastar o erotismo da arte é igualmente insano, assim como pretender afastá-lo da vida. Entretanto, certos escritores especialistas em erotismo se sujeitam, na realidade, com muita conformidade, àquela mesma superstição social e religiosa, com as quais pretendem não se conformar. Então, está claro que, para eles, o erotismo ainda é um escândalo, uma espécie de segredo vergonhoso para ser exibido como diversão alheia: enfim, um argumento baixo do estilo cômico. Enquanto que, ao contrário, o erotismo humano é respeitável como qualquer outro argumento necessário à representação do drama real; aliás, é muito mais função da poesia trágica, sendo ele o primeiro elemento natural das relações humanas e do amor. (E o pudor não o desdiz, até que esse mesmo pudor se torne uma graça real da natureza amorosa e não uma angústia absurda da tribo).

Assim, enquanto que a sinceridade de um Saba intervém para resgatar o erotismo dos tabus absurdos, a exibição vulgar e escandalosa de outros autores, por outro lado, o condena a permanecer escravo desses mesmos tabus. Em suma, como se ele afirmasse que a primeira é arte, e a segunda, falsificação.

Diferente é o caso daquela narrativa em que a ostentação erótica deseja ser um meio de ruptura e de revolta contra a não evolução de uma sociedade decaída. Sua qualidade a associa aos rituais orgíacos que nas cerimônias fúnebres resgatavam os princípios vitais contra a corrupção mortuária. E mesmo que sua retórica a coloque, com constrangimento, como ocorre com frequência, para aquém da arte, a sua função é, sem dúvida, saudável à cultura moderna.

SOBRE O EROTISMO NA LITERATURA

Italo Calvino*

Os nossos contemporâneos ainda pensam muito em sexo. Aquele que pensa muito não é livre. O “sentido do pecado” está em via de extinção, mas estamos mais do que nunca distantes de uma felicidade natural. A concepção centrada no sexo do moralismo repressivo religioso está sendo substituída, na mentalidade e no costume de massa, por outra concepção, em que a plenitude sexual é considerada em termos míticos e abstratos e, por isso, se torna outra forma de alienação.

Nesta situação, *a escrita do sexo* torna-se sempre mais difícil. Se numa sociedade dominada por tabus, preconceitos e rigores, o sexo foi para a literatura um grande símbolo de conhecimento, de contato com a realidade, de verificação existencial, no nosso século, talvez, apenas um único autor conseguiu afirmar, em termos modernos, esta ordem de valores: Hemingway. Posição única (e não última razão pela qual a presença de Hemingway foi tão positiva e fortificante): em geral, no nosso século os escritores que se interessam por sexo ou são apologistas de alguma mística erótica (e como valor literário são mais uns trombones, e seu armamento verbal e de imagens envelhece em poucos anos, enfraquecendo-se e provocando o riso), ou representam a vida sexual com um comportamento meio distante e meio desgostoso; substituem o erotismo visto como paraíso por um erotismo visto como inferno (e como valores poéticos podem alcançar os resultados mais altos, sérios e, historicamente, muito significativos, mas sua imagem da realidade não é, no fundo, diferente daquela de um praticante

da quaresma ou de um puritano). Hoje, poderíamos dizer que só consegue escrever sobre sexo, com força poética, quem o olha entortando o nariz com desdenho; enquanto que para quem considera as relações amorosas com simpatia e gratidão cabe unicamente evitar escrever sobre sexo.

Refiro-me – entenda-se – ao campo da civilização industrial “do consumo”, porém acredito que tais considerações possam valer também para os campos onde vigoram várias situações de moral sexual de massa. Nos países economicamente atrasados (e, portanto, também em parte da Itália) sobrevive a moral “do pecado” – frequentemente misturada com resíduos de paganismo primitivo – mas também tem ali os dias contados e a literatura não pode ser algo de interesse senão num plano de descrição local e anedótica. Mais rica de interesse histórico é a situação dos países que estão vivendo a industrialização socialista, e que agora atravessam no plano da moral de massa a fase puritana e “virtuista”¹ que em outros países a burguesia havia atravessado na época da acumulação do capital. É uma fase que não poderá durar por muito tempo porque só será necessário um novo nível de bem-estar alcançado ou uma nova fermentação de retíficas ideológicas para pôr tudo em discussão. Parece que já se anunciam os primeiros sinais de um renovado interesse erótico em alguns romances soviéticos; mas se engana quem espera que a literatura soviética por esse caminho irá melhorar de qualidade: dará, ao contrário, obras piores do que

* Italo Calvino, “Sull’erotismo in letteratura”, in: *Nuovi Argomenti* (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p. 21-24.

¹[virtuista, em italiano], neologismo criado por Vilfredo Pareto; indica uma pessoa hipócrita que declara guerra a uma literatura, considerada por ela, imoral e sexual. Pareto é autor do ensaio “Il mito virtuista e la letteratura immorale”, publicado em 1911.

as anteriores, retardatárias e deselegantes, até que não se encontre um novo equilíbrio, ou seja, finalmente a superação de toda alienação.

No momento, tudo aquilo que podemos dizer é que no século XX o erotismo não é um motivo poético. O nosso século é o século de Kafka, escritor casto.

Os escritores que acreditam na existência de batalhas que precisam ser combatidas, em que o sexo continua tendo um significado, estão equivocados. Na América ainda acreditam na possibilidade de criar um conflito contra a sociedade puritana, e acabam por considerar um epígono como Henry Miller um profeta de novos tempos. Na França, estão convencidos de que misturar sexo com filosofia é um grande progresso, mesclando-o também com a teologia, porém continua sendo a mesma contaminação de coisas distintas, as quais não podem dar bons frutos. (Pierre Klossowski, por um gosto fútil da filosofia, conseguiu trair a sua autêntica e séria vocação de pornógrafo). Na Itália, um conluio de magistrados, prelados e outras autoridades, se utiliza, para chamar a atenção de toda a nação, das “cenas acusadas”, procurando dar novamente atualidade ao problema da representação artística do sexo, o qual não interessa mais a ninguém.

O caminho justo para combater os censores seria o de só fazê-los topar com obras que não concedessem nada às suas inclinações. Uma representação da realidade da qual toda vibração de sensualidade fisiológica fosse proclamada os tornaria loucos, e não sabendo mais onde desafogar suas obsessões passariam a cometer publicamente atos perversos que constantemente os preocupam. Na prática, a situação é diferente porque para as mesmas razões históricas que fazem com que os censores sobrevivam, também sobrevivem escritores e realizadores de espetáculos ainda interessados pelo lado humoral-psicológico-moralista das vidas humanas. Observando bem, a batalha entre censores e censurados é uma

batalha fingida: os dois partidos não são senão um único, e fingem uma batalha apenas para reafirmar, todos, ao mesmo tempo, que a humanidade é pecado e que o importante é preocupar-se com este pecado e representá-lo assim ou assado ou não representá-lo de modo nenhum, mas, de qualquer maneira, não pensar em outra coisa, porque os caminhos infinitos do Senhor passam todos por ali. A posição justa em direção à censura deve ser de ataque feroz contra os censores (cuja idiotice se manifesta não só nas suas condenações, mas também nas suas indulgências contra a pornografia barata e “sem pretensões artísticas”), mas também de ataque contra todo o plano obsoleto e entediante em que a batalha se desenvolve.

Um tédio mortal aumenta a sombra sobre a palavra “erotismo” e sobre todos os seus reflexos na literatura, no cinema e nos jornais. (Nada de mais fúnebre do que a sexologia moralizadora das revistas semanais não-conformistas).

Mas talvez seja mais justo assim: quem é amigo do sexo na vida não pode ser amigo do sexo na literatura. São raros os casos – páginas, sobretudo, de autores antigos, e, mais do que páginas breves, trechos, acordos velozes de palavras e silêncios – em que a imagem da relação física seja de algum modo não indigna daquilo que o sexo é na vida. Acontece com este a mesma coisa que se dá na política: quem conhece o valor e o sabor da luta política e social não consegue tirar utilidade e deleite dos romances políticos e sociais. Marx ridicularizava os romancistas socialistas que eram seus contemporâneos e só encontrava em Shakespeare o sentido do universo que ele via encarnado na luta do proletariado. De todo valor fundamental da realidade a literatura pode oferecer equivalentes no plano da relação com o universo.

Hoje, já que as imagens e as palavras do “erotismo” estão desgastadas e inúteis, resta à expressão poética a infinita liberdade das translações. Uma

das mais fortes e inequívocas cargas de eros manifestadas no nosso século nos vem dos poemas e das narrativas de Dylan Thomas, os quais são puros de imagens e de palavras. Porque Thomas traz da experiência do eros o sentido de deflagração do universo contido em cada folha, em cada lembrança, em cada alegria e trepidação. Jorge Luis Borges manifestou a transposição amorosa em contos, onde uma imagem feminina se liga a um símbolo de totalidade cósmica (por exemplo, “El Zahir” e “El Aleph”), alcançando por via intelectual uma dimensão emotiva que pelo único caminho da mimese decadentista das sensações não poderíamos nem mesmo sonhar.

Ou há o caminho contrário: usar as imagens do erotismo, agora desprovidas de toda carga emotiva, como se fossem ideogramas de uma outra série de significados. Exemplo: La noia [*O tédio*] de Moravia. Neste romance alguém me advertiu que se fala muito de relações sexuais; eu, mesmo tendo lido o livro com grande paixão, não tinha me dado conta disso; toda a minha atenção estava tomada pelo verdadeiro tema da narrativa: a procura de uma relação entre o sujeito e a objetividade do universo.

Estas são as razões pelas quais aos jovens escritores, que enviam manuscritos de romances pedindo uma opinião, respondo – nove entre dez casos – com uma carta-modelo: “Distinto senhor, examinei seu manuscrito e pude constatar que ele tem passagens de tema erótico. Enviando-lhe novamente o manuscrito por carta registrada, permito-me lhe dar o conselho de eliminar tais passagens do seu texto, assim como toda representação, menção ou alusão em matéria, evitando nas suas obras futuras toda referência a tais argumentos...”.



Este é o Caderno de Leituras n.24.
Outras publicações das Edições Chão
da Feira estão disponíveis em:
www.chaodafeira.com